

EMANCIPAR-SE PARA EMANCIPAR: “LIBERDADE AINDA QUE TARDIA”

Para emancipar emanciparse: "LIBERTAD AÚN QUE TARDE"

To emancipate emancipate themselves: "Freedom still that late"

VERONEZE, Renato Tadeu¹

Com o desenvolvimento tecnológico e a Internet, as Redes Sociais se tornaram o principal canal de organização das eclosões simultâneas e contagiosas dos protestos reivindicatórios e movimentos sociais que tomaram às ruas ao redor do mundo desde 2011.

O mundo parecia conviver placidamente com a aflição econômica, com o aumento da violência, da iniquidade, da corrupção e da acumulação e do cinismo político e social dos governos despóticos e autoritários que, de certo modo, alimentam o crescimento das desigualdades sociais, das mazelas humanas e das expressões da questão social. Por outro lado, um vazio cultural e a desesperança pessoal, fatores característicos de um contínuo descompasso entre a representação fantasiosa do real e a realidade, gerou um *tsunami* de manifestantes e reivindicações contrárias a tudo.

As distâncias se estreitaram e as relações sociais se tornaram impessoais. Uma sensação de solidariedade, coletivismo e democracia alimentou as consciências individuais e coletivas para uma mobilização em massa, num protesto coletivo diante de uma sociedade subsumida ao apelo do capital e a barbárie capitalista “omnilateral e polifacética” (NETTO, 2010, p. 31).

Quando ninguém esperava uma reação de um mundo que parecia anestesiado, manifestações sociais invadiram e continuam a invadir as ruas, numa avalanche aglutinadora de *indignados*, organizada através dos ciberespaços individuais, levando milhões de pessoas ao redor do planeta, que enfrentaram as forças armadas, derrubaram ditaduras, expuseram políticos, instituições e colocaram a mídia manipuladora às claras.

¹Assistente Social, Docente do Curso de Serviço Social do Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé – UNIFEG, Especialista em Educação, Didática e Metodologia no Ensino Superior - UNIFEG, Especialista em Desafios da Filosofia Contemporânea – PUC/MINAS, Mestre e Doutorando em Serviço Social pela PUC/SP. E-mail: rtveroneze@hotmail.com

No Brasil, as manifestações de rua chegaram ao seu ápice a partir de junho de 2013. Tendo como estopim o aumento das tarifas de transporte público. Este fenômeno, comparado ao movimento das *Diretas Já*, em 1982, e as manifestações populares que levaram ao *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, somou cerca de 1,5 milhões de pessoas que foram para as ruas das principais capitais do país, espalhando-se por várias cidades do interior.

Estas ações coletivas, espalhadas pelo mundo, apresentavam características comuns: ignoravam partidos políticos, desconfiavam da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na Internet e em assembleias locais o debate coletivo para a tomada de decisões (CASTELLS, 2013, p. 09) e chamaram a atenção de políticos, teóricos, intelectuais e da mídia em geral para as novas formas contemporâneas de confrontação assumidas entre a lógica do capital e a falência dos governos e das instituições representativas.

Pessoas de todos os lugares, classes sociais e de todas as idades saíram da mais profunda letargia para “ocuparem os espaços públicos, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar”, no intuito de “reivindicar seu direito de fazer história – sua história -, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais” (CASTELLS, 2013, p. 08).

As ações de resistência sinalizavam o descontentamento da população brasileira com os políticos, com a violência nas ruas, com o dinheiro gasto nos megaeventos (em específico a Copa de 2014), com a má qualidade dos serviços públicos, com a falta de políticas públicas, com a alienação ideológica das emissoras de televisão e da mídia em geral, rejeitando partidos e lideranças políticas ou qualquer tipo de representatividade, dentre outras bandeiras de lutas sociais que articulam um vasto rol de temáticas e reivindicações, fluindo desde as lutas ecológicas, de classes, de gênero, etnia, até as lutas subjetivas, individuais e religiosas. Lutas estas que, em seu bojo, engendram eflúvios contra a “pacificação dos conflitos sociais” e a criminalização dos movimentos sociais.

A Internet e as Redes Social (Blog’s, Twitter, Facebook, Youtube, WhatsApp, Instagram, skype etc.), criou o conceito de *network*, ou seja, uma rede de relacionamento que possibilita reunir indivíduos com interesses comuns e objetivos compartilhados entre os usuários da rede (FERNADES; ROSENO, 2013, p. 38). Nesse mundo digital as gerações romperam com as distâncias e com o silêncio, proporcionando a conexão dos indivíduos isolados como o mundo.

Ao refletir sobre estes acontecimentos, tendo como fio condutor a emancipação humana segundo Marx (2010) e o poder do povo, partimos da crise estrutural do sistema capitalista e da complexidade das manifestações e acontecimentos sociais que tem gerado um desconcerto numa sociedade moderna, cosmopolita e civilizada.

Portanto, nossa pesquisa, num primeiro momento, buscará fazer uma análise teórica sobre as manifestações sociais que tomaram o Brasil em 2013 até os dias atuais, partindo do pressuposto de que o despertar do sentimento de coletividade pode indicar a falência do atual sistema rumo à emancipação humana segundo os propósitos de Marx. Para tanto, supõe-se a superação da ordem societária capitalista em seu conjunto, o que implica em outros termos, a superação do capital, da luta de classe e da propriedade privada, de modo a despertar a consciência coletiva dos indivíduos sociais diante das condições e contradições materiais de vida social, fundadas na proposição ontológica, que propõe ao ser social uma vida humanamente genérica.

Deste modo, seguindo Bonetti (et. al., 2006), cabe aliar a vontade individual, iluminada por uma consciência ética e política como intencionalidade coletiva e de compromissos sociais, conjuntamente a um saber teórico-prático crítico e, ainda, às necessidades e possibilidades que busquem materializar o produto de uma ação consciente e que espelhe o conteúdo e os princípios dos valores fundamentais, os quais apontam para motivações e exigências ético-políticas na perspectiva revolucionária da vida cotidiana para, somente depois, materializar a revolução de toda a sociedade.

Rumo à superação do capital

O Prof. Dr. José Paulo Netto (2010) nos trouxe importantes elementos para entendermos os principais fatores que possibilitaram este clima de revolta e indignação revolucionária que tomou as ruas na atualidade, conjuntamente autores mundialmente conhecidos buscaram analisar este momento através de textos compilados no livro *OCCUPY: movimentos de protesto que tomaram as ruas*, (HARVEY [et. al.], 2012). Outros livros importante para entender as manifestações sociais no Brasil em junho de 2013 é *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (MARICATO [et. al.], 2013).

Além destes, no livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet* (CASTELLS, 2013), o sociólogo espanhol Manuel Castells, testemunha das recentes manifestações da Primavera Árabe, das revoluções da Tunísia, do Egito e de outros países do

Oriente Médio e norte da África, bem como as revoltas na Islândia, na Espanha e nos Estados Unidos, nos mostra a dinâmica destas manifestações, colocando-nos a par dos sentimentos coletivos e de solidariedade que invadiram e levaram as massas às ruas, onde a indignação, as revoltas e as esperanças alimentam e dão coragem aos *indignados*.

Também, Fernander; Roseno (2013) em *Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua*, um livro escrito no meio dos acontecimentos, mostra o desprezo pelos governos e político corruptos, os devias de verbas, o alto preço das passagens dos transportes públicos, as insatisfações com os investimentos em educação e saúde e os 33 bilhões de reais projetados para os gastos com a Copa do Mundo, além de nos mostrar a força da Internet e das Redes Social no Brasil.

Estes textos nos possibilitaram ter uma pequena amostra do que vem acontecendo na atualidade e que, sem sombra de dúvida, refletem significativamente na vida da população mundial, sobretudo àqueles/as que estão à mercê dos poderes despóticos e desumanos dos países onde impera o autoritarismo ou das migalhas das políticas públicas.

Por outro lado, a mídia, nos seus mais diversos canais de comunicação, tem feito o papel do “mocinho bonsinho”, que denuncia e desvela a impunidade e a corrupção, atua como vilã induzindo ao consumismo desenfreado, aos estereótipos mais diversos e ao fetiche do capital, sem falar na promiscuidade ideológica que se esconde sobre a falácia de uma instituição que está a serviço do capital.

Acreditamos que somente pela ação de resistência e de mobilização dos movimentos sociais, seja em sua clássica formação ou nos moldes cibernéticos da atualidade, é que se possam alavancar as mudanças decorrentes. Somente com a ação coletiva, que desperte a consciência individual e coletiva num único sentimento de indignação e revolta, possibilitando a derrubada das bases que sustentam a barbárie atual.

Entretanto, como auxiliar na organização dos diversos movimentos sociais? Como visualizar uma nova sociabilidade? Como é possível sair desse estado de alienação/alienante do qual estamos todos subsumidos aos apelos do capital? É possível materializar os eflúvios de uma emancipação verdadeiramente humana? Será possível viver numa sociedade “para além do capital”?

Para tentar responder a estas perguntas, somente as análises e propostas de pesquisa científica que espelhem a ruptura com os padrões de manipulação do poder do Estado, dos setores empresariais e patronais que subordina o trabalho transformador, criativo, natural e humano ao julgo da exploração, da alienação e da lógica do capital.

Neste sentido, observa-se ainda que as mesmas manifestações populares que lutam pela igualdade, liberdade e emancipação, podem ser transformadas em embates políticos carregados de ideologias moralistas, fundamentalistas, despóticas e violentas. Sujeitos ou grupos sociais que ainda não se autoafirmaram, autorrealizaram e/ou autolibertaram podem reproduzir acriticamente os mesmos sistemas consuetudinários ou atitudes ultrageneralizadoras que impedem a emancipação dos segmentos sociais que buscam apresentar uma alternativa possível para a superação da lógica capitalista e imperialista.

Nesse processo, há, contudo, expressões de resistência nos diversos sindicatos, movimentos sociais e nas grandes manifestações sociais, que embora sobrevivam aos embates conservadores, buscam a possibilidade de emancipação desses segmentos se colocando na arena das lutas sociais de modo crítico, propositivo e revolucionário.

Deste modo, podemos afirmar que a emancipação humana, fundamentada no “reino da liberdade”, implica num desejo/necessidade de instauração de um novo modelo social que supere o sistema capitalista, a lógica do capital, a luta de classe e a propriedade privada.

Para tanto, para a superação dessa lógica e da alienação, exploração e reificação da vida social, torna-se necessário um esforço coletivo e social para a mudança revolucionária - enquanto forma de ser, pensar e agir -, através de uma consciência integral, sobretudo, sobre o sentido e significado da categoria trabalho enquanto protoforma transformadora e ontológica do ser social e da sociedade, inscrita num determinado modo de produção.

As vozes das ruas, dos movimentos sociais e das grandes manifestações, composta majoritariamente por jovens convocados por meio de Redes Sociais, apontam para a necessidade radical de repensarmos o modelo da sociabilidade existente, e nos perguntar: **que modelo de sociedade queremos?**

Este é ao mesmo tempo um grito de indignação, de esperança, como também de desafio: a construção de uma nova sociabilidade. Nesse sentido, Lessa; Tonet (2008, p. 119) apontam que “[...] as possibilidades históricas são ‘possibilidades’ que serão ou não objetivadas no futuro, ‘dependendo’ das alternativas escolhidas pelos indivíduos em escala social”.

Marx e Engels (2007) propõem uma nova sociabilidade, onde o “reino das necessidades”, ou seja, comer, vestir, beber, morar, e outras coisas mais sejam suplantados pelo “reino da liberdade”: “[...] O reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente imposta; por natureza, situa-se além da esfera da produção material propriamente dita” (MARX *apud* NETTO, 2012, p.400).

Porém, em consonância com Marx (2010a), antes de emancipar os outros, há a necessidade de emancipar a si mesmo, ou seja, emancipar dos valores e as instituições tradicionais e conservadoras, instaurando um novo modo de ser, pensar e agir, de modo que possa elencar os interesses coletivos em contraposição aos interesses individuais e corporativistas.

Para tanto, Marx aponta para a dissolução da velha sociedade e a construção de novos pilares que só seriam possíveis com a superação do sistema do capital. Antunes (2005, p. 121) aponta que se deve lutar por “[...] um novo sistema metabólico de controle social deve instaurar uma forma de sociabilidade humana autodeterminada, o que implica um rompimento integral com o sistema do capital, da produção de valores de troca e do mercado”.

Para tanto, isso somente poderá efetivar-se pela demolição das barreiras existentes entre o tempo de trabalho e tempo de não trabalho, trabalho esse autodeterminado e voltado à criação de bens socialmente úteis, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital, de modo que possam se desenvolver sob bases inteiramente novas.

Portanto, somente destruindo radicalmente a lógica destrutiva do capital é que será possível transformar a humanidade e possibilitar a gestação de formas inteiramente novas de sociabilidade.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

BONETTI, Dilsea. Adeodata (Org.). **Serviço Social e Ética: convite a uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo Freitas. **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua**. São Paulo: Prata, 2013.

GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HARVEY, David (et. al.). **OCCUPY: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Trad. João Alexandre Peschanski (et. al.). São Paulo: Boitempo, 2012.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **La revolución de la vida cotidiana**. Trad. Gustau Muñoz, Enric Pérez Nadal e Iván Tapia. Barcelona: Península, 1982.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARICATO, Ermínia [et.al....]. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 31-54.

_____. **Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, Vol. I. 24ª ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Fererbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Org., trad., prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Manifesto Comunista**. Organização e introdução de Osvaldo Coggiola. Trad. Alvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1999.

NETTO, José Paulo. **O leitor de Marx**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Uma face contemporânea da barbárie**. Texto da comunicação de José Paulo Netto na seção temática: “O agravamento da crise estrutural do capitalismo. O socialismo como alternativa à barbárie”, no III Encontro Internacional “Civilização ou Barbárie”. Sepre, 30-31 de outubro/1º de novembro de 2010. Disponível em: pcb.org.br/portal/docs/umafacecontemporaneadabarbarie.pdf

_____. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

VERONEZE, Renato Tadeu. **Agnes Heller, indivíduo e ontologia social: fundamentos para a consciência ética e política do ser social**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Lúcia Martinelli. São Paulo: PUC/SP, 2013.